

A solidão de Zulmira

A menina negra, interiorana e pobre casou assim que adquiriu os primeiros sinais de que tinha ficado “moça”. Era assim que até meados do século XX, e aqui acolá ainda hoje nas bandas do Nordeste, se referiam às meninas que sangravam pela primeira vez. Os filhos foram providenciados um atrás do outro, concebidos pelo maldito buraco de um lençol. Afinal, mulher decente não ficava nua nem na frente do marido. Assim, um a um, os filhos foram feitos nas brechas da noite e do lençol branco que servia de prova da virgindade na noite de núpcias. O sangue ali, exposto sobre a cama, e o marido, com sorriso no canto da boca, vendo seu troféu em tom vermelho encarnado. Ela teve dor na primeira vez, e em todas as outras. Nunca soube o que era ter prazer. Orgasmo? A palavra mesmo nunca pronunciou. O corpo sempre coberto. Nunca, jamais, trocou de roupa na frente dele e de mais ninguém. O marido, achando pouco as vestes que escondiam aquele corpo franzino, fez com que ela também se vestisse de dor depois que a abandonou com as crianças. O “homem da casa” foi-se para nunca mais. Zulmira ganhou o mundo circunscrito nas ruas de sua cidade do interior para vender livros. Ela e os filhos tinham que sobreviver e, antes que ela morresse de ódio, tristeza e revolta, os filhos precisavam comer, crescer, estudar e, quem sabe, quanto antes, criar suas próprias famílias. A cidade pequena foi ficando cada vez menor. Trouxa debaixo do braço, os filhos sob a saia, saiu rumo à capital, para a cidade onde nasceria e se criara, para onde jamais voltaria a não ser para rever os parentes. Humilhação demais ser deixada pelo marido. Passou os anos seguintes a se vestir também de culpa. Afinal, nunca foi despudorada e, segundo sua mãe, ela precisava se comportar como mulher casada, com bons modos, principalmente nas horas íntimas com o marido e não ficar despida era regra primeira. A mãe lhe dizia que, embora os homens gostassem de se deitar com mulher puta, dessas assim bem puta mesmo, que dizem onde e como querem, eles não a valorizam. Era o que ela pensava dia e noite, noite e dia. Nunca devia ter escutado os conselhos de sua mãe já tão velha e, também, sem experiência de vida e com os homens. Tinha vinte e cinco anos quando chegou carregada de meninos na cidade grande e continuou a vender livros e a vida seguindo sem prazer, sem lazer, sem amor. Tudo era trabalho, sacrifícios. A alimentação, o vestuário, os estudos e o futuro daqueles inocentes. Economizou até o que não tinha e adquiriu uma pequena casa onde todos se abrigaram. Um ou outro no decorrer dos anos foram adoecendo de tristeza ou ansiedade extremada. A pobreza é um perigo para a saúde mental era o que dizia sempre uma amiga da família que, sensível às situações dos filhos de Zulmira, tentava amenizar as culpas. Os anos passaram e Zulmira, já velha e medrosa de que nem o básico entrasse em sua casa, continuava a labutar, sol a sol, a vender livros. Sim, à revelia das livrarias existentes na cidade grande, ainda assim, havia pessoas que compravam livros na porta de casa. Zulmira andava para vender e para cobrar os clientes inadimplentes. Sua vida foi atravessada por muitos caminhos. Enquanto andava acompanhada do cigarro, o único vício que adquiriu e que, de alguma forma, lhe sinalizava um comportamento de rebeldia para uma mulher de sua época, tentava organizar a cabeça que não era lá muito diferente da dos filhos. Zulmira tinha medos profundos! Medo de morrer antes dos filhos se fazerem adultos, medo de que as filhas sofressem algum tipo de abuso físico, de que os filhos se envolvessem em algum tipo de violência ou ilegalidade. Medo de faltar o alimento dentro de casa que, embora pouco, nunca faltou. Medo de ser sozinha durante toda a vida que lhe restava. Mas, no fundo, bem no fundo de sua alma, guardava as palavras sempre duras de sua mãe: uma mulher separada tem que se dar o respeito! E se dar o respeito era permanecer sozinha, nunca mais amar ou ser amada, se é que um dia foi. Nunca falava sobre seus medos com ninguém. Não é nada saudável para a saúde emocional de uma mulher ser largada pelo

marido com cinco filhos para criar nem na cidade pequena, na média ou na grande. Isso não é coisa de homem decente! De tanto andar debaixo de sol e de tanto fumar, já velha, caiu doente. Zulmira ali, num leito de hospital, e não tinha balão de oxigênio no mundo que desse conta do pulmão já tão estragado e carcomido de dor e de nicotina. Dizem que o pulmão é o órgão da emoção. Ninguém soube ao certo o que fez Zulmira atravessar a estrada da morte depois de dias chamando por sua mãe, num quarto de hospital. Ninguém sabe dizer se foi o acúmulo de emoções difíceis ao longo da vida ou se o acúmulo do fumo no seu corpo. Mamãe, me leve que não aguento mais sofrer, mamãe. Vem me buscar, mamãe, dizia Zulmira, como se fosse criança, no leito de morte. E, numa tarde de inverno e muita chuva, a mãe de Zulmira veio. Ninguém viu, mas ela veio. Passou as mãos sobre os olhos da filha, abraçou-lhe e, juntas, atravessaram o portal. Uma das filhas de Zulmira de tanto sofrer no luto também adoeceu. Os dias passavam lentos e insuportáveis e, assim como sua mãe quando no leito do hospital, passou a dizer dia e noite, noite e dia. Mamãe, me leve que não aguento mais sofrer mamãe, vem me buscar, mamãe. E um dia, para surpresa de todos, de tanto ser chamada, Zulmira, também veio buscar sua filha.

Argentina Castro, em Bomba D'Água Coração (Selo Editorial Mirada), 2022